

## Clarice Lispector: memória de uma vida contada e escrita pelos outros

**Rodrigo Veloso**

“Uma *persona* humana e literária, é isso, ela criou duas faces. Isso é a obra dela. (...) E ela criou uma outra, isso é muito interessante”.  
(Autran Dourado e Maria Lucia Autran Dourado, 2024, p. 83).

“Ler Clarice é como conhecer uma pessoa”.  
(Caetano Veloso, 2024, p. 113).

*Clarice na memória de outros*, de Nádya Batella Gotlib (2024) centra-se na figura dessa escritora que ficou no limbo por décadas e ainda continua nas discussões de cunho acadêmico-científico. Isso porque Clarice tem prestígio e enorme reconhecimento no Brasil e no exterior, além de ser uma das autoras mais pesquisadas no universo acadêmico. Essa obra biográfica de Gotlib será o ponto-chave para essa discussão e resenha, bem como a maioria das citações relacionadas ao longo deste trabalho origina-se de tal livro, pois têm em sua composição diversos artistas que se uniram para um único propósito, isto é, o de narrarem sobre a vida e literatura de Clarice Lispector.

Conforme afirma Lúcio Cardoso (2024), os livros de Clarice Lispector representam muros que sitiam perpetuamente uma cidade indefesa, visto que, dessa maneira: “[...] de fora, assistimos ao resplendor de sua cólera. Mas nesse mundo, o romancista não penetra: a cidade de Clarice, como essa maçã que brilha melhor se for no escuro, arde sozinha: dentro dela não há ninguém” (Cardoso, 2024, p. 289 *apud* Gotlib, 2024).

Antonio Candido (1992) concebe a produção literária de Clarice Lispector sendo a “nova narrativa”, classificação esta, que se amplia para o discurso e formação criativa de escrita da autora e, sobretudo, nesse percurso entra em cena a travessia ritualística do eu até o âmago do outro e tem na linguagem o recurso de aproximação que conduz e eleva o drama constitutivo literário.

Segundo Hélio Pellegrino (2024), Clarice era “lisérgica”, vivia energizada, sintonizada sempre em algo e a literatura a salvou de cair na loucura, pois tinha um ritual de vida acelerado. Para ela, o caminho a ser trilhado era transformador e perceptivo e viver tal experiência representava um espetáculo vertiginoso e profundo.

O livro organizado por Nádya conta com as memórias de sessenta e cinco

colaboradores desde familiares, amigos, escritores e músicos. Vários gêneros se conjugam nele, isto é, cartas, fragmentos, entrevistas, contos, anotações, artigos em recortes de jornais, poemas e crônicas. Essa coletânea de memórias representa as experiências, histórias, percepções e recordações avindas de encontros ou não com Clarice Lispector, bem como os registros de tais autores reiteram os traços biográficos, ou segundo Roland Barthes (2005), os “biografemas”, tentativa de se pensar sobre a vida da escritora atrelada a novas possibilidades de se dizer sobre ela e, principalmente de se viver uma vida.

Nesse aspecto, o biografema, conforme aponta Deleuze & Parnet (2004) tem a ver com perceptos e afectos, ou seja, promulga encontros que formam uma vida, uma espécie de espaço criativo, haja vista que adquire algo da existência do biografado e o metamorfoseia em signo.

Os modos de ver Clarice descritos por meio de signos-biografemas, abordados no livro em questão, apontam para um árduo trabalho de pesquisa e seleção de textos e imagens constituídas de matérias anteriormente publicadas e inéditas e, sobretudo oriundas de meios adversos como é o caso da digitalização que Gotlib realizou nas fitas (“rolos de áudio”) presenteadas por Pellegrino.

Os textos dispostos e apresentados substancialmente em Clarice na memória de outros estabelece uma rede de diversificadas formas e manifestações, como é o exemplo da crônica “Meu traumatismo ucraniano”, de Humberto Werneck. O sugestivo e humorístico título remonta a uma conversa de Werneck com Clarice no lançamento de seu livro *A paixão segundo G.H.*, em Belo Horizonte e ele como jornalista iniciante na profissão teve a infelicidade de perguntá-la se o romance dela não era romance. Ele relata que: “Nem pude concluir a frase. “COMO não é um romance”, rugiu Clarice” (Werneck, 2024, p. 198 *apud* Gotlib, 2024, grifo do autor). De imediato, Clarice ficou brava e, desse modo, tal episódio explica a escolha do título e o trocadilho, mencionando, assim, o trauma causado nele pela ucraniana, Clarice.

Alguns jornalistas que trabalharam com Clarice na Agência Nacional e no jornal *A noite* no começo dos anos de 1940, como Lúcio Cardoso (texto com mesmo nome do escritor), Paulo Mendes Campos (texto: “Conversa com Clarice”), Francisco de Assis Barbosa (texto: “A descoberta da vida ou do mundo”) e Lêdo Ivo (texto: “Viva Clarice Viva”) escreveram sobre ela e os textos compõem tal coletânea e, sobretudo, o

exercício de escrita da vida da escritora enquanto ato de biografemar, quer dizer, atividade de reunir detalhes de uma vida compilada em forma de texto revela-se no signo a instância formadora da escritura de vida de Clarice. Essa transformação da vida realizada em forma de “signos de escritura” traduz-se em algo encantador, acontece pela alteridade e torna-se potente em seu acontecimento e representação das memórias.

Vale destacar que ao selecionar apenas alguns importantes nomes que constroem a vida escritural e biográfica de Clarice neste trabalho, tal fato não desmerece os demais na composição da obra de Gotlib. Isso porque todo discurso enunciado nela é substancial e relevante na construção do todo biográfico clariceano, todavia, para esta resenha, seria inviável pelas condições normativas, ensejando, pois, retomá-los em outra oportunidade, a fim de novas discussões e pesquisas.

Há também escritores como Ignácio de Loyola Brandão que viajou com Clarice para um congresso de bruxaria, quer dizer, Festival das Bruxas de Bogotá, na Colômbia e relata essa experiência:

na manhã de Clarice, o auditório estava repleto, ouviam-se todas as línguas. Qual o conto? Em que língua ela vai ler? Soube na hora. Seria “O ovo e a galinha” que está no livro *A legião estrangeira*, de 1964. Não, eu não tinha lido. Ela começou, e o silêncio dominou a sala. Clarice lia em português, mas naquela plateia estavam pessoas de mais diferentes países, sem fone de ouvido com tradução simultânea. [...] Mas aquela voz estranha, a presença dominadora da qual parecia emanar uma aura, permeava o ambiente, e a gente nem respirava. [...] Porque o magnetismo de Clarice nos prendia na poltrona. Ninguém saiu. Por vergonha? Por não ter conseguido se levantar? Por que estávamos imobilizados por aquela voz, hipnotizados por aqueles olhos? Ao final demoramos um pouco para levantar. Lembro-me que saímos em silêncio e somente a uma distância razoável da sala passamos a trocar cochichos. (Brandão, 2024, p. 202-203 *apud* Gotlib, 2024).

Dalma Nascimento em seu texto intitulado “Minha convivência com Clarice” narra a viagem de 1974 que realizou com a escritora, em companhia também de Lygia Fagundes Telles e Waldir Ayala, para um evento sobre os novos caminhos da literatura das Américas, ocorrido em Cali, na Colômbia. “Mas Clarice tornou-se o ícone celebrado pelos universitários de Cali. Múltiplos foram os momentos em que a indomável maga lá me fascinou com gestos simples, mas luminosos, de intensa grandeza” (Nascimento, 2024, p. 125 *apud* Gotlib, 2024). Ademais, Nascimento descreve um fato curioso ligado à Clarice que se deve ao seu desaparecimento durante a noite e todos a procuraram em

polvorosos e não a encontraram.

Vasculhamos, de carro, a cidade já deserta, tendo o cuidado de despistar jornalistas e fotógrafos de plantão, a farejarem notícias, à porta do hotel. [...] Viramos Cali pelo avesso, e nada. Tensos e dessolados regressamos. Já aos anúncios de raiar o dia, Lygia e eu nos recostamos no sofá do salão do lobby. Eis que, num passe de mágica, com as luzes já fortes da manhã, Clarice desponta bela e fagueira à nossa frente. Seus olhos incandescentes em resplendor. Clarice, “onde estivestes de noite?”. Com a ingenuidade da criança travessa, ela fora rezar na Igreja da Matriz. O recolhimento e a grande paz embriagaram-na de unção. Em êxtase, deixou-se ficar num cantinho escuro, introvertida, a falar com Deus. Instante epifânico! Fecharam a igreja sem a perceberem lá dentro. Quando viu, estava sozinha aos pés do Criador. O jeito foi reclinar a frente e dormir por lá mesmo. Ah! Tão feiticeira era Clarice que ninguém ousou reclamar que passara a noite a procurá-la. (Nascimento, 2024, p. 126 *apud* Gotlib, 2024).

Nesse sentido, os depoimentos e relatos contidos em *Clarice na memória de outros* se apresentam dentro dessa perspectiva, ou seja, do trato biográfico, dos biografemas e, de todo modo, tal posição assume outro viés no que tange à descrição dos fatos como se narrassem uma história literária e concebessem Clarice como uma personagem de sua própria história, afinal, “tudo é um”, Clarice escritora, Clarice amiga e Clarice protagonista. A multiplicidade dos eus de Clarice reforça a singularidade identitária de sua escrita, o que a torna plural, haja vista que privilegia nesta, a versatilidade de temas, enredos e gêneros, bem como fortalecem o aspecto psicológico retratado na composição das personagens.

Outro caso interessante presente no livro trata-se de Maria Telles Ribeiro que conheceu Clarice em Berna, na Suíça, porque era esposa de diplomata, assim como a escritora. Muito tempo depois da morte de Clarice, Maria Telles escreve uma série de poemas descrevendo como ela via Clarice em Berna, isto é, registra por meio da literatura as cenas de vida da escritora. Um dos poemas se chama “Primavera em Berna” e mostra Clarice com uma sensibilidade aguda diante da transformação das coisas da vida e em “A cesta de mangas” retrata Clarice numa tarde de inverno estando grávida e “cheia de desejos do Brasil”.

Em suma, a partir de uma realidade (re) contada sobre a vida de Clarice Lispector por muitos amigos, admiradores e familiares, a obra de Nádya Gotlib consagra um registro memorial e memorável que ora se perdeu no tempo ora se construiu no presente e, portanto, se eternizou na palavra “vivente”. A partir de então,

o trajeto e difusão que tal obra empenha visa descobrir, descortinar o segredo e mistério de Clarice como mulher e escritora. Sendo assim, Clarice “devora-se a si mesma”, procurando agregar ao seu talento a descoberta. Contudo, conforme enuncia Lêdo Ivo: “Clarice Lispector era uma estrangeira. Sempre foi uma estrangeira – um pássaro vindo de longe, um pássaro vindo das ilhas que estão além de todas as ilhas do mundo para nos intrigar a todos com seu voo e o frêmito de suas asas” (Cardoso, 2024, p. 286 *apud* Gotlib, 2024).

### Referências

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Oito horas com Clarice. *In: GOTLIB, Nádia Batella (Org.). Clarice na memória de outros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2024. p. 200-206.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

CANDIDO, Antonio. Uma tentativa de renovação. *In: CANDIDO, Antonio. Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 1992.

CARDOSO, Lúcio. Lúcio Cardoso. *In: GOTLIB, Nádia Batella (Org.). Clarice na memória de outros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2024. p. 287-289.

DELEUZE, Gilles, & PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 2004.

DOURADO, Autran; DOURADO, Maria Lúcia Autran. Autran Dourado e Maria Lúcia Autran Dourado. *In: GOTLIB, Nádia Batella (Org.). Clarice na memória de outros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2024. p. 64-86.

GOTLIB, Nádia Batella (Org.). **Clarice na memória de outros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

IVO, Lêdo. Viva Clarice Viva. *In: GOTLIB, Nádia Batella (Org.). Clarice na memória de outros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2024. p. 285-286.

NASCIMENTO, Dalma. Minha convivência com Clarice. *In: GOTLIB, Nádia Batella (Org.). Clarice na memória de outros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2024. p. 122-133.

PELLEGRINO, Hélio. Do primeiro ao último encontro. *In: GOTLIB, Nádia Batella (Org.). Clarice na memória de outros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2024. p. 192-196.

VELOSO, Caetano. Caetano Veloso. *In*: GOTLIB, Nádía Batella (Org.). **Clarice na memória de outros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2024. p. 112-114.

WERNECK, Humberto. Meu traumatismo ucraniano. *In*: GOTLIB, Nádía Batella (Org.). **Clarice na memória de outros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2024. p. 197-199.

**Data de submissão: 31/05/2024**

**Data de aceite: 16/07/2024**